

QUEBRA DE DECORO

Rebeldia, disputas pelo comando do Congresso, mais espaço no governo Lula são alguns ingredientes do caldeirão em que se transformou o Senado depois das denúncias contra o peemedebista

O que está por trás do caso Renan

GUSTAVO KRIEGER
DA EQUIPE DO CORREIO

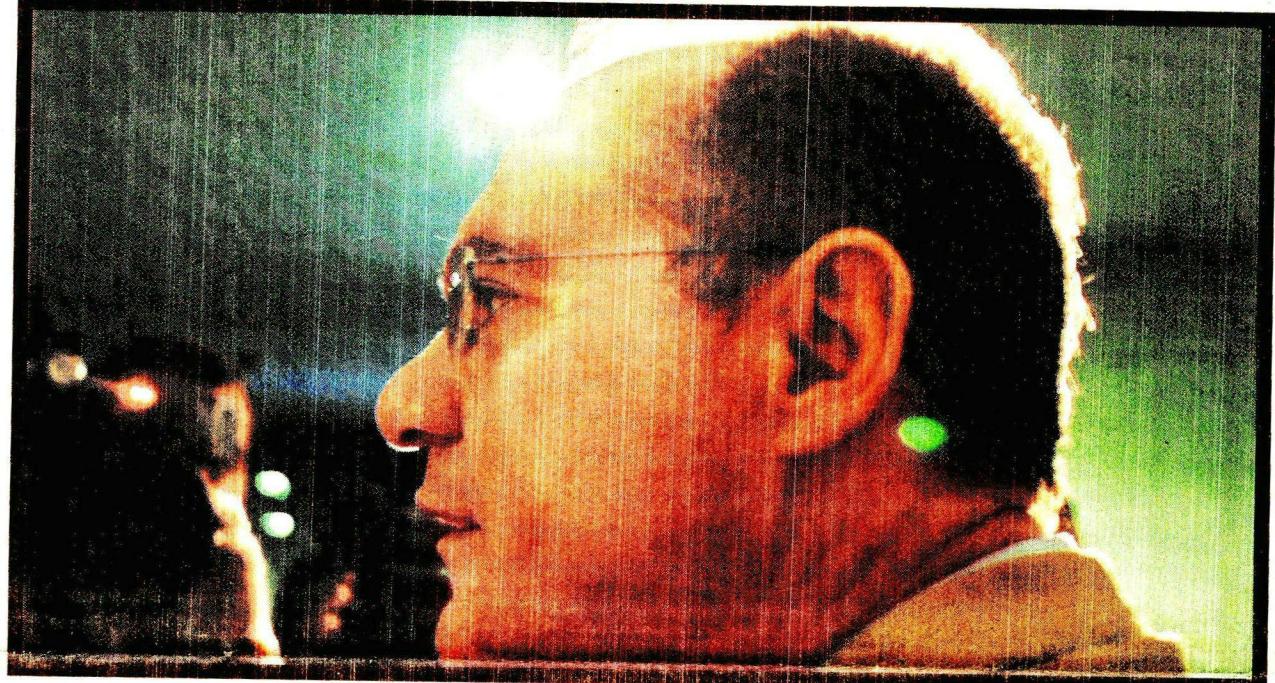
Nos bastidores do julgamento do processo contra o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), há uma disputa que vai muito além do Conselho de Ética e da própria Casa. Nos últimos tempos, Renan acumulou poder e ocupou muitos espaços políticos. É o presidente do Congresso, líder de uma ala importante do PMDB e um dos principais interlocutores do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A crise política que ameaça engoli-lo abre uma disputa por todos esses espaços. Essa concorrência rege os movimentos de cada um dos personagens do espetáculo em que se transformou o julgamento.

A pauta oficial é a das denúncias formais contra Renan. O presidente do Senado foi acusado de ter despesas pessoais pagas pelo lobista

Cláudio Gontijo, funcionário da empreiteira Mendes Júnior. Entre outras coisas, Gontijo bancaria a pensão devida pelo senador à jornalista Mônica Veloso, com quem tem uma filha. Para provar que tinha dinheiro suficiente para pagar a pensão, Renan apresentou uma série de documentos, incluindo declarações de Imposto de Renda e recibos de operação de venda de gado. Reportagens lançaram dúvidas sobre essas notas. Algumas das empresas que supostamente compraram gado de Renan não existiam. Outras negavam a operação.

Essa é a pauta oficial e a base do discurso de todos os envolvidos. As ações dos partidos e senadores obedecem também a uma outra pauta, não declarada: a da disputa política. O caso Renan transformou-se em uma batalha entre os partidos de oposição e o bloco governista no Congresso. Também serve a uma queda-de-braço dentro do PMDB, o partido de Renan.

Cadu Gomes/CB - 27/6/07



RENAN CALHEIROS É ACUSADO DE TER CONTAS PESSOAIS PAGAS POR UM FUNCIONÁRIO DA CONSTRUTORA MENDES JÚNIOR

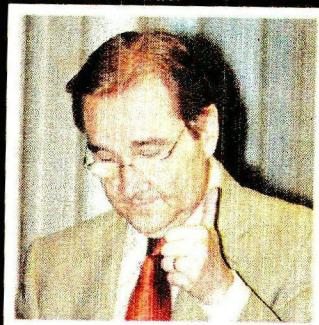
OS INTERESSES DE CADA UM

Edison Rodrigues/CB - 26/6/07



■ O presidente Luiz Inácio Lula da Silva não é conhecido por sua solidariedade a aliados em dificuldade. O instinto de autopreservação costuma falar mais forte. Apesar disso, mobilizou-se para salvar Renan. A ajuda explica-se pela importância de Renan para Lula. Como presidente do Senado, ajudou a costurar a maioria de apoio ao governo e evitar os sobressaltos do primeiro mandato.

Cadu Gomes/CB - 25/6/07



■ Os Democratas, partido que faz mais dura oposição a Lula, tornou-se também o mais feroz combatente contra Renan. Seu líder, José Agripino (RN), não perde uma chance de açoitar o presidente do Senado. Ao partido, esse ataque é conveniente por vários motivos. Ressuscita a bandeira da ética, imobiliza um aliado importante do Palácio do Planalto e ainda abre a possibilidade de antecipar a sucessão no Senado.

Cadu Gomes/CB - 6/6/07



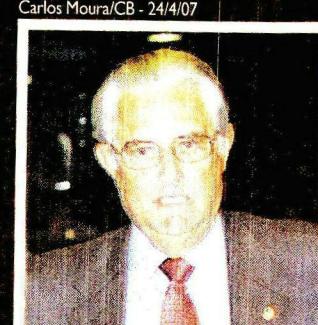
■ O corregedor do Senado, Romero Jucá (DEM-SP) está em uma situação delicada. No primeiro momento aliou-se a Renan. Depois teve de recuar, empurrado por duas pressões. A do seu partido e da Polícia Federal. Foi uma perícia da PF que contestou os documentos apresentados por Renan. Ex-chefe da PF e com sua imagem ligada à instituição, Tuma não pode se opor à investigação da polícia.

Carlos Moura/CB - 30/1/07



■ O PMDB do Senado está fechado com Renan. Os dois principais escudeiros são Romero Jucá (RR) e o líder Valdir Raupp (RO). Os dois fazem parte do grupo de Renan e têm nele o canal para negociar cargos e verbas com o governo. Na última semana, o grupo decidiu assumir diretamente a defesa de Renan, por falta de confiança nos aliados, inclusive no PT. Querem encerrar rapidamente o caso para evitar mais desgaste.

Carlos Moura/CB - 24/4/07



■ Em seu discurso de defesa, o senador Joaquim Roriz (PMDB-DF) solidarizou-se a Renan. Seu objetivo era amarrar o destino dos dois. Roriz sabe que tem menos apoio no Senado que Renan. Sua estratégia é tentar tratar os dois casos como um só. Ou o Senado entrega duas cabeças ou nenhuma. Significativamente, Renan não foi ao plenário ouvir o discurso.

Breno Fortes/CB - 2/11/06



■ Autor da representação contra Renan, o PSOL conseguiu uma visibilidade muito superior à que sua bancada de um solitário senador permitiria. O partido decidiu empunhar a bandeira da moralidade. Ajuda na disputa contra o PT, desgastado por várias denúncias de corrupção, e de quebra ainda dá visibilidade à ex-senadora Heloísa Helena, adversária regional de Renan Calheiros em Alagoas.

Cadu Gomes/CB - 23/5/07



■ O senador José Sarney (PMDB-AP) é um aliado silencioso de Renan. Evita expor-se mas atua nos bastidores. Sarney quer ser presidente do Senado novamente, mas não agora. Acha o momento muito turbulento e teme ser o alvo das próximas denúncias. Prefere preservar Renan e sacrificá-lo para sucedê-lo.

Paulo H. Carvalho/CB - 10/4/07



■ O presidente nacional do PMDB, Michel Temer (SP), tem mantido um eloquente silêncio no caso. Seu apoio a Renan não passa do protocolar. Os dois disputam o comando do partido e a condição de interlocutor junto a Lula. Uma missão importante quando o governo define a distribuição de cargos do segundo escalão. Um Renan enfraquecido serve a Temer, embora os dois neguem qualquer problema.

Carlos Moura/CB - 31/10/05



■ O PT até tentou afastar-se da defesa de Renan. Foi trazido de volta por Lula. A líder do partido, Ideli Salvatti (SC), integrou-se à tropa de choque do presidente do Senado, Tião Viana (AC), vice-presidente da Casa, atua nos bastidores. Eles convenceram Sibá Machado a renunciar à presidência do conselho e abrir espaço para o PMDB. Querem manter a aliança com os peemedebistas que garantem maioria a Lula no Senado.

Jose Varella/CB - 7/3/07



■ O senador Leomar Quintanilha (TO) foi o nome escolhido pelo PMDB para presidir o Conselho de Ética. Os aliados de Renan confiam que ele conduz o processo para o arquivamento.

Paulo H. Carvalho/CB - 30/8/06



■ O PSDB mudou de posição ao longo do processo. Começou como um aliado silencioso e meio envergonhado de Renan. Passou para uma oposição moderada. O melhor representante dessa virada é o senador Arthur Virgílio (AM). Amigo de Renan, candidatou-se à presidência do conselho. Seu objetivo era negociar uma saída honrosa para o colega, mas não conseguiu. Sem alternativas, radicalizou o discurso.

Ronaldo de Oliveira/CB - 30/10/06



■ Os senadores Eduardo Suplicy (PT-SP) e Renato Casagrande (PSB-ES) são os dois dissidentes no esforço governista para salvar Renan. Eleitos com base no discurso de moralidade, correm um enorme risco político se forem vinculados à ideia de garantir impunidade para o presidente do Senado. Os dois estão divididos entre dois focos de pressão. O Palácio do Planalto quer que eles defendam Renan, mas os eleitores exigem punição.